

Muralhas de Beja

Transcrição paleográfica de Marta Páscoa

Introdução

“Muralhas de Beja” é o título de um manuscrito que se encontra no Fundo do Arquivo Municipal de Beja, à guarda do Arquivo Distrital da mesma cidade. Terá sido escrito entre 1864 e 1869. O seu autor não está expresso. Apresentamos aqui a transcrição desse manuscrito de 9 páginas.

O autor deixou no texto alguns espaços em branco, nomeadamente as direcções e as medidas. É possível que se destinasse a ser completado mais tarde. O manuscrito, à semelhança de outros, encontra-se na colecção do Padre Mira, que recolhia testemunhos relativos à história da cidade.

Uma das informações mais relevantes deste texto é a indicação de que no arco da Porta de Avis havia uma pedra com uma ave gravada. Avis seria assim o nome latino de ave e não a localidade do norte do Alentejo, demasiado longe para dar o nome a uma porta da cidade. Outra informação que pode ser importante é a forma como o autor faz a distinção entre o que era a construção romana e a construção medieval, numa época em que a muralha estaria arruinada nalguns locais.

Este texto é mais um contributo para o conhecimento da História de Beja que deve ser, tal como todos os outros, enquadrado no seu contexto e sujeito a um exame crítico.

Marta Páscoa

Regras de transcrição

- Modernização de nomes, apelidos e topónimos.
- Conversão de maiúsculas e minúsculas segundo o critério actual.
- Desdobramento das abreviaturas sem caracteres diferenciados.
- Actualização da acentuação apenas nos casos em que a não actualização prejudique a compreensão do texto.
- Actualização da pontuação, fazendo-o no entanto com parcimónia.
- Separação de palavras indevidamente juntas e junção de elementos separados da mesma palavra. Utilização do hífen quando necessário. Os verbos reflexos são reconstituídos.
- Utilização de m ou n antes de p, b ou das restantes consoantes, respectivamente.
- Utilização de (...) quando o manuscrito está danificado ou ilegível.
- Inclusão das entrelinhas e acrescentos ao texto em margem, diferenciados pelos caracteres < >.
- Aceitação das correcções do autor, sem menção do facto. Isto quando as correcções são apenas de carácter gramatical ou da ordenação na frase dos diversos elementos. Serão anotadas as correcções ou partes riscadas quando não se tem a certeza de terem sido corrigidas pelo autor ou quando a emenda ou o que está riscado parece ter algum interesse.
- A paginação será apresentada dentro de () e as posteriores menções a partes de texto terão como base esta paginação.
- As palavras da transcrição que, por não terem acentos ou por terem uma grafia diferente da actual são actualizadas em nota, mas apenas na sua primeira ocorrência.

Muralhas de Beja

Dos objectos de antiguidade romana que se encontram na cidade de Beja occupam o primeiro lugar os muros que a cingiam. Eram elles construção magestosa e gigantesca como todas as construções attribuidas a um povo que imprimiam nas fábricas de sua mão o cunho da grandeza, mas hoje apresentam apenas uma sombra do que foram nas ruínas que affectam, julgando aquelles que por ellas passam e não reparam ou não comprehendem serem os restos que os homens e os tempos deixaram de fábrica de moderno valor. Quem visse hoje o que ellas eram no tempo em que o Império Romano fazendo-se já (...) à fraqueza e corrupção as deixaram cair inteiras e (...) nas mãos dos que do norte caíram sobre o Império, quem ao longe descobrisse aquella construção negra pela fuligem do tempo, triste e immóvel, escondendo as construções que abrigava e despertando ideas de guerra e de sangue havia de pagar e attender com alguma admiração no aspecto melancólico mas ousado que então offerencia a chamada Pax Julia. Esse tempo porém passou. À construção romana, remendada e composta muitas vezes no decurso dos muitos séculos seguiram-se hoje, que a civilização já não quer luctas cruentas nem muralhas!

Umás ruínas desagradáveis, que para o estranho que pela primeira vez visita Beja, faz conceber a ideia das cidades deshabitadas. O que a este respeito competia que se fizesse para dar à cidade um aspecto menos desolador não vem a palco aqui depor-se, por que apenas há em plano um fim descriptivo e archiológico.

Quem hoje (1868-9) se elevasse a grande altura acima das cidades de maneira que dominasse o todo de suas edificações, podia ver ainda uma linha escura em forma poligonal que limita por um lado a cidade () e por outro como que já esconde-se nas modernas edificações. Esta linha só interrompida no lugar onde em tempos os Padres Jesuítas construíram o hoje chamado Paço Episcopal, descreve o alto longitudinal das muralhas que em logares mais (...) do que realmente foram mede muitos metros de altura, mas naquelles onde a ruína mais tem cavado (p. 1) consta apenas alguns palmos asima da terra.

O todo da edificação continha dois corpos distintos, sendo um do outro em grandeza diferente. Eram construídos segundo o processo romano de pedra, cimentada por uma argamassa impregnada de pedra muidamente britada e tão tenaz e resistente que sendo na cor cousa distinta, parece na dureza continuação das pedras que simenta.

Levantara-se o primeiro lanço de muralhas ou corpo dominando o inferior que lhe servia de base e conservando sempre com ele uma estrutura proporcionada, regular e harmonioza. Formaram-no 36 cortinas correspondentes cada uma a um dos lados do polígono quasi regular que lhe servia de (...) à base e número idêntico de baluartes correspondiam aos vértices delle, mettidos em parte na espessura do muro. Além destes baluartes, mais quatro continha ainda (e que no todo passariam o número de 40) de dimensões superiores em que particularmente falaremos e dos quaes 39 se descobrem e se podem contar por entre as edificações que os transposeram. Eram elles de bom trabalho e acabamento com cunhas ou grandes pedras faceadas que mostram bem o empenho do fundador em que saísse uma obra perfeita para aquelle tempo e elevavam-se a maior altura do sesto da muralha ou das cortinas distanciados apenas uns dos outros metros, para poderem os concorrentes varrer, com seus arremessos todos os que tendo (...) trepado ao primeiro lanço fisessem tentativas de transpôr o segundo. Mediam estes baluartes metros de altura () de largo, saindo outro tanto para fora das cortinas e entrava-se para eles por uma estreita escada aberta para o interior da muralha à qual em certos logares se sobia por meio de rampas de terra batida, em quanto que noutros a forma do solo dispensava por estarem pela parte interna quasi plana com o chão. Em cada um destes baluartes havia uma varanda de pequena área como comportavam as medidas expostas e que guarnecidas de parapeitos abertos em frestas e setteiras serviam para dellas se guardarem os entremeios de ataques inimigos. As cortinas tinham também os seus parapeitos, mas uns eram erijidos (p. 2) sem fresta alguma que permittisse combater em abrigo. Não eram também ellas segundo os romanos logar destinado sempre para se combater, o que pode concluir-se da largura que apresentavam, que sendo de metros o que restava antes dos parapeitos, mal ficava o espaço para que com alguma cautella, um homem podesse manobrar.

O segundo lanço da muralha, que era uma espécie de contra-muro ou barbacã, saía fora do primeiro metros, guardando todavia com os seus contornos rigorosas proporções e analogia. Formava este muro uma espécie de terrado, extendendo-se em torno à base do muro superior, de maneira que era o que fazia, segundo o tempo em que não havia ainda a reciar os efeitos do canhão, uma posição qualquer mais defensável e segura. Desciam ali os combatentes mais arrojados nas ocasiões de maior perigo, quando já os inimigos estavam próximos do primeiro muro e (...) do trabalho dos baluartes tornavam o terrado teatro de encarniçada luta que era decisiva para elles, pois que combatendo peito a peito e fechada à sua retirada as portas do segundo muro, só tinham de esperar, ou ficarem estendidos no terrado cedendo deste modo ensejo no segundo muro, ou atirarem os agressores feridos, moribundos ou mortos na fundura dos fossos circundantes. Quando o primeiro destes casos acontecia, muito tinham ainda os inimigos que se esforçar para poderem entrar no recinto murado. Por quanto ao segundo muro, era alto como se disse, e bem munidos os baluartes tinham de cair sem vida por effeito dos arremessos muitos dos que tentavam escalá-lo.

Hoje nam se encontram em Beja sinais visíveis (...) antigos (...). A povoação transpôs a muralha, no crescimento que tem tomado, e apenas do lado do onde ella está até à base a descoberto, se vêem covas alongadas, ruas pouco fundas, que nos levam a suppor serem os sítios dos fossos que sempre os romanos construíam em volta de suas muralhas, ruas que as revoluções posteriores do terreiro têm obstruído e alterado a ponto de quasi se não conhecerem.

Tinham as antigas muralhas romanas três entradas, (p. 3) que se saiba com certeza reportarem a esse tempo. Duas que existem ainda hoje, são as chamadas portas de Avis e de Mértola, abertas à passagem pública; a terceira, que é a antiga porta de Évora está tapada de alvenaria e diz para um quintal de casas particulares, onde do castello actual se pode ver ainda o arco.

Esta porta formada, como todas as outras que ali há de origem romana de ombreiras e arcos baixos e (...) de cantaria, foi talvez tapada no tempo de D. Dinis, quando foi necessário alterar a muralha d'aquelle lado para se construir, como veremos, o castello e a torre de homenagem que ali mandou elevar este monarcha.

A segunda entrada, compreendendo duas portas, correspondentes, a primeira ao lanço superior da muralha, a segunda ao lanço inferior é a que se designa pelo nome de Avis, que segundo a opinião de alguns tem a sua proveniência em uma ave aberta em pedra, que num cunhal se vê ali e que de facto nos tempos dos nossos avós era o symbolo do seu poder e domínio. (Nota: se é ou não esta a proveniência do nome que a entrada tem e que se designa é cousa que não há affiançar; o que é certo porém é que é bem (...) esta opinião, geralmente havida, pois que da palavra romana avis é fácil e naturalíssima a mudança para Avis).

A porta exterior ou do primeiro lanço da muralha é uma verdadeira porta de fortaleza, pequena e construída com toda a solidez. O terrado, que temos dito ser formado por este lanço, é ali substituído por uma rampa, que se eleva até à segunda porta, a qual, mais sobida do que a primeira, ainda é guardada por dois fortes e bem construídos baluartes, guardas constantes e permanentes della, que reunidos devidamente de gente aprestada só permitiriam ingresso a quem não trouxesse apparencia inimiga. É num dos cunhaes desta porta, o cunhal da direita quando se entra, que está embutida a pedra donde sai em relevo a águia romana, havendo no cunhal fronteiro e à mesma altura um letreiro de linhas que não obstando os esforços empregados, não nos foi possível ler, já pela altura a que se acha, já pelo gastamento que o tempo tem operado.

A 3ª é a porta de Mértola. Construída pelo mesmo risco que a de Avis e por ventura que a de Évora, esta porta abria-se (p. 4) entre 2 gigantescos baluartes em tudo idênticos aos da porta de Avis, os quaes, contando todos metros de altura são por isso e por sua forma e solidez especial distintos dos 36 outros que se vão espaçando pela extensão da muralha na sua primitiva. Todavia não é esta a opinião geralmente seguida por aquelles que se têm applicado ao estudo das cousas desta terra, pois que attribuem também aos primitivos tempos as portas chamadas de Moura que ficam para entre as de Avis e as de Mértola. Por isto, quando tivermos exposto algumas outras ideias, porque a ordem dos acontecimentos ou dos factos pede prioridade bem fundada, voltarei ainda à dúvida porém havida pelas portas de Moura mostrando as razões que em nós militam para não crermos tal assunção.

Que seja notório por algumas notícias que haja dos antigos tempos, relativas a esta cidade, 3 vezes têm estes muros sido reparados dos estragos que têm sofrido. A primeira foi no tempo de D. Afonso III em que a ruína mais tinha lavrado, a 2ª no tempo do monarcha agricultor e literato e a que modernamente abriram as luctas civis entre os filhos de D. João 6.º, alguns dias também de trabalho ligeiro e superficial foram empregados em reparos seus.

Os tempos que se seguiram na península depois da queda do império romano são todos bem sabidos pela história. As lutas contínuas que se travaram entre os povos que o destino trouxe aqui sucessivamente fizeram muito de Portugal e da península inteira um theatro de negras scenas em geral que se transmitiram no depois pelos séculos posteriores. Beja, a antiga pax Julia foi sendo occupada por todos estes povos e das lutas e invazões por elles produzidas ficaram nos campos e nas cidades, afora a influêcia moral, como signaes de sua passagem, muitas destruições e ruínas, de maneira que ao cair do poder dos árabes nas mãos do fundador da monarchia estava ella reduzida à triste condição de pequena povoação (p. 5) porque os seus edifícios estavam arruinados e o estado moral abatido com o peso oppressivo dos conquistadores.

Não poderam os primeiros fundadores ali a D. Afonso I faser mais que conquistar e por isso a velha Pax Julia só teve para si voltadas as attenções dos monarchas no tempo de D. Afonso 5.º¹, a quem cabe a glória de ter arredondado os limites de Portugal. Conquistado ou havido por qualquer modo o Algarve tratou D. Afonso de reparar as cidades e provê-las das necessárias condições de segurança contra qualquer tentativa de invasão que porventura se originasse fora ou dentro da nação. Então os mouros tinham ficado em Portugal desde D. Afonso Henriques por concessão de sua benignidade, pois que alguns quiseram continuar a permanecer no reino com as condições que os monarchas lhes impunham, era grande, muito grande ainda o número delles no tempo que aquelle monarcha D. Afonso 5.º se collocou à frente da nação.

D. Afonso 5.º estabeleceu as mourarias, isto é, lugares reservados e peculiares à habitação dos mouros de maneira que ficassem separados dos

¹ Creio que deve haver aqui um engano. Deve tratar-se de Afonso 3.º, que foi o 5.º rei de Portugal.

portugueses podendo no entanto terem com elles o trato que as circunstâncias lhes permitissem. Em Beja havia ainda grande número de adoradores do crescente que constituíram o seu bairro segundo lhes foi designado deu lugar ao da cidade e que ficou assente do pequeno arrebalde que hoje se designa pelo nome o Pé da Cruz. Estes mouros podiam de dia andar pela povoação e exercerem segundo os seus misteres, o seu trabalho; mas eram de noute obrigados a recolherem-se a seu bairro e ficarem assim sequestrados da convivência com a gente da villa. As portas da muralha fechavam-se sobre elles e se algum fosse achado no interior della depois do tempo que lhes era (...) tinha de receber o castigo devido à infracção que cometia.

As medidas tomadas por D. Afonso eram tudo medidas de prevenção. Queria firme a nacionalidade portuguesa e por isso removia todos os obstáculos que porventura suspeitava serem (p. 6) meio possível de perturbação. Foi este o motivo que o determinou à criação das mourarias e ao mesmo tempo da reedificação das muralhas nos sítios onde as houvesse. No número das reedificações ordenadas por este monarca conta-se a de Beja que pelos estragos produzidos estavam por partes (...), por outras em desmoronamento e apenas um ou outro lugar concervavam a forma que os romanos lhe tinham dado. Os reparos operados então foram obra de muito trabalho que deverão occupar não pequeno espaço de tempo; as ruínas eram grandes, grandes tinham também ellas de ser, pois que o concerto é sempre relativo ao que é destruído.

Quem hoje observar as ruínas da muralha encontra ainda meio claro de reconhecer a differença que existia entre os muros de edificação romana e os purfundos reparos que lhe mandou fazer el rey D. Afonso 5.^o. Enquanto à argamassa de cimentação encontra-se grande differença pois que a dos romanos tem como disemos grande quantidade d'um quasi escaibro de pedra muito britada. Não é porém este o carater distinctivo de mais saliência. O que é de construção romana é tudo masiço por maior que seja a espessura; o de fábrica affonsina apenas tem do lado de fora e de dentro uma parede de pedra mas no interior della só se encontra terra batida que é o que vulgarmente se designa na alvenaria pelo nome de taipa. Isto attesta a pressa com que D. Afonso pertendia reorganizá-la para se preparar no que pertendia.

Voltemos agora às portas de Moura. Não me lembro bem a forma que esta porta tinha quando em 185... foi derrubada a título de conveniência pública, mas dado mesmo que fosse em tudo idêntica, como se diz, às outras, não é isso motivo bastante para tal suporem e concluir da sua origem. As portas de Moura tinham os mesmos dois arcos que se vêem nas outras entradas e a sua forma era exactamente a mesma; mas onde estão os baluartes que se vêem às outras portas (p. 7) como guardas vigilantes para a sua defesa?

(...) nesta parte por que o erro corre em geral bem sucedido.

Se (...) os romanos tivessem formado esta porta do mesmo modo que as outras deveriam pelo menos por parte de regularidade, que outra razão não fosse, abri-la entre dois baluartes de idêntica grandeza e aparência. Isto é que pedia a boa disposição e symetria, que decerto bem conhecia quem foi o director deste trabalho; e o que se vê é que a porta de Moura é aberta junto d'um baluarte ordinário na parede de uma cortina, attestando nos parece claramente, que circunstâncias posteriores á fábbrica dos muros determinou a sua abertura. O facto de haver aqui duas portas e a perfeita identidade nada importa. É natural que abrindo-se uma porta no tempo em que a muralha estava toda de pé e perfeita, ou tal se quisesse collocar houvesse o bom gosto de a approximar, quanto possível, à forma das outras nos arcos, altura e cunhar, sendo que o facto de terem estas portas também dois arcos é consequente dos dois lanços de muralha.

Nota: o nome de porta de Moura pode muito bem ser nome dado por D. Afonso 5.^o à dita porta pelo facto de por ella saírem os mouros todos os dias para o seu bairro ou mouraria que era no Pé da Cruz, sendo essa necessidade o motivo de se ella abrir.

Porta de Aljustrel

Não era do tempo dos romanos. He do tempo de D. Dinis bem como o postigo dos Prazeres quando no seu tempo mandou elle reparar ou fazer de novo o lanço de muralha que cercava a cidade, pello lado desde a porta de Évora para a de Mértola. Assim se conhece de uma lápide na muralha e que deve ser no quintal das casas que foram de João Correia, ourives, que ficam no fundo da rua de Aljustrel, com frente para a rua (p. 8)

Porta Nova

Por duas provisões ou cartas dirigidas à Câmara de Beja pelo Cardeal Infante, huma datada de Lisboa, 3 de Setembro de 1565 e outra, dada em Alcobaça aos 7 de Novembro de 1560 se depreheende que o postigo então e hoje (1864) chamado porta Nova não existia e que o muro se rompeo ali por aquelle tempo por licença régia para que o mestre que parece ser elle Manuel Gonçalves, das obras que então se faziam na igreja do Salvador, podesse romper aquelle muro para facilmente chegarem os materiais. Por uma daquellas cartas, 7 de Novembro de 1560, se dá premissão para romper o muro com condição de o tapar e pôr como estava; e na outra (3 de Setembro de 1565) se dispensa aquelle mestre das obras de o tapar.

Seguem-se as cartas do Cardeal Infante:

(tem apenas 6 linhas da primeira carta, que não transcrevemos)